

REVEL NA ESCOLA: SINTAXE FUNCIONAL

Ivo da Costa do Rosário¹

rosario.ivo3@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este texto é dedicado a todos os interessados no tema da sintaxe funcional, mas de modo muito especial aos professores da Educação Básica, tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio. A expectativa é que as reflexões aqui apresentadas possam ser úteis principalmente ao trabalho didático com a sintaxe em sala de aula.

A sintaxe funcional é um campo de trabalho muito vasto e, por esse motivo, é necessário que haja um recorte para nossa discussão. Dessa forma, vamos nos concentrar no estudo de um grupo de conectores responsáveis pela ligação de orações não finitas (chamadas tradicionalmente de orações reduzidas). Esses conectores são todos instanciados pela preposição *de*, como, por exemplo, *antes de*, *perto de*, *longe de*, *além de*, *em vez de*, *em função de* etc. Haverá maior destaque para os usos funcionais de *no intuito de* e *com o objetivo de*.

Deve ser destacado desde já que a sintaxe funcional é, em primeiro lugar, uma sintaxe do uso (cf. ROSÁRIO, 2015). O que isso significa? Significa dizer que as pessoas, em seu cotidiano, pela repetição, moldam as estruturas da gramática por meio das mais diversas situações de interação do dia a dia, sempre buscando suprir diferentes necessidades

¹ Doutor em Letras (UFF) e em Letras Vernáculas (UFRJ). Professor associado de Língua Portuguesa e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Jovem Cientista do Nosso Estado pela Faperj. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Líder do CCO (Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações) e membro do D&G UFF (Grupo de Estudos Discurso & Gramática). Tem interesse nos processos de combinação de orações, no uso dos conectores em perspectiva funcional e nos processos de variação e mudança linguísticas.

comunicativas. Em termos práticos, a consequência é que variação e mudança estão sempre em cena, pois a língua está em constante movimento.

Em algumas situações, notamos o surgimento de expressões novas no uso linguístico. Um exemplo é a construção *#sóquenão* e todas as suas variantes (*#sóquesim*, *#sóquenunca* etc). Por que surgiu o *#sóquenão*, se já temos o advérbio *não* para veicular a ideia de negação? Em uma perspectiva funcionalista, dizemos que as novas formas surgem porque, mesmo que minimamente, essas inovações cumprem funções distintas na língua. *Grosso modo*, percebemos que a partícula *não* é de uso mais geral, dotada de uma função mais canônica. Já o uso inovador *#sóquenão* é mais restrito a situações de menor monitoramento linguístico, é mais intersubjetivo, impactando mais o interlocutor, haja vista sua maior extensão estrutural e informalidade (cf. GERVÁSIO, 2020).

Quando estudamos a sintaxe nos livros didáticos e nas gramáticas normativas, muitas vezes temos a sensação de que a língua é estática. Por exemplo, se abrirmos o capítulo de sintaxe do período composto, veremos que, com raras exceções, essas obras indicam que existem apenas dois processos de ligação de orações: coordenação e subordinação (cf. CUNHA; CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 1999). A coordenação pode ser assindética ou sindética. A subordinação, por sua vez, engloba orações substantivas, adjetivas e adverbiais, na forma desenvolvida ou reduzida. Cada tipo de oração, por fim, é introduzido por uma lista de conjunções.

Pois bem... Diante desse quadro, perguntamos: há outros processos de ligação de orações, além da coordenação e da subordinação? Podemos dizer que novos tipos de orações surgem com o passar do tempo? É possível haver a emergência de novos conectores para ligar orações, além daqueles indicados pelas gramáticas normativas? A resposta para essas três questões é SIM. Os estudos gramaticais na perspectiva da sintaxe funcional nos ajudam a compreender melhor o funcionamento efetivo da língua portuguesa (e de qualquer língua natural), o que evidentemente torna também o ensino desses tópicos mais interessante, significativo e dinâmico.

O espaço disponível neste texto não permite que todas essas questões aqui levantadas sejam desenvolvidas em detalhes. Caso o leitor tenha interesse nesses pontos, poderá consultar alguns trabalhos publicados mais recentemente, como Rosário (2015, 2018, 2020, 2021); Rosário e Oliveira (2022); Rosário e Cardoso (2022); Rosário e Lopes (2022) e outras publicações, em sua grande maioria disponíveis para consulta gratuita na internet.

Neste artigo, vamos aprofundar um pouco mais o funcionamento de um grupo de conectores que instanciam a noção de finalidade, com foco em *no intuito de* e *com o objetivo de*, com desdobramentos do trabalho realizado por Rosário e Souza (2022). Por meio de uma pesquisa baseada em dados efetivos de língua em uso, apresentaremos o comportamento morfosintático e semântico-funcional desses conectores, à luz da gramática funcional. Primeiramente vamos abordar o conceito de sintaxe (de modo geral) e de sintaxe funcional (de modo específico). Em seguida, vamos explorar o que compreendemos pelo rótulo de *conector*. Posteriormente, destacamos a rede [X de]_{connect}, para então concluirmos este texto com algumas considerações finais e a relação das referências bibliográficas efetivamente utilizadas.

O QUE É A SINTAXE FUNCIONAL?

Na visão de Trask (2006, p. 272), a sintaxe é “a estrutura da sentença ou o ramo da linguística que a estuda”. Fromkin e Rodman (1993, p. 217), por sua vez, apresentam visão semelhante ao definir sintaxe como “parte do conhecimento linguístico que diz respeito à estrutura das frases”.

A análise dessas definições aponta para um ponto de vista convergente, apesar de nem sempre explicitado: a sintaxe parece ser algo estático, visto que o foco está na estrutura “acabada” das línguas. A abordagem tradicional também reforça esse ponto de vista ao manter uma postura conservadora com relação às estruturas da língua, sem espaço (significativo) para a inovação. Um dos motivos para isso é a fonte de consulta de dados dessas obras, que normalmente se servem de exemplos da literatura clássica para exemplificar os fatos linguísticos.

A sintaxe funcional opõe-se a essa visão. Isso fica claro no próprio título de um texto seminal do Funcionalismo, publicado em 1979 por Talmy Givón, considerado um dos fundadores da Linguística Funcional. Trata-se de um grande marco intitulado “*From discourse to syntax: grammar as a processing strategy*” [“Do discurso para a sintaxe: gramática como uma estratégia em processamento”]. O título desse texto dá o tom da visão funcionalista da linguagem até os dias de hoje, demarcando a ideia de que a sintaxe está a serviço do discurso e dos usos, o que a torna plástica, maleável, flexível e dinâmica.

O ponto central da sintaxe funcional está na defesa de que a língua muda em função de novos propósitos comunicativos. Bybee (2106) usa a metáfora das dunas de areia para ilustrar a natureza das línguas humanas, considerando que há uma base estável convivendo com rotineiras instabilidades (como se verifica na superfície dessas elevações). No Funcionalismo, não há uma centralidade da sintaxe nem um lugar privilegiado para as estruturas linguísticas no campo formal. Ao contrário, é o contexto e a situação comunicativa que vão balizar a sintaxe das línguas humanas (cf. ROSÁRIO, 2022b). É por isso que as pesquisas funcionalistas partem de um *corpus*, ou seja, toda investigação sempre se baseia na coleta e análise de dados de usos efetivamente registrados na língua falada ou escrita. Com isso, evita-se o trabalho com frases criadas por meio da intuição dos pesquisadores².

Mais modernamente, a sintaxe funcional também passou a considerar os aspectos cognitivos da linguagem em maior medida. Com isso, tem sido possível analisar melhor o modo como a língua se constrói de forma mais holística ou global, não só na sua exteriorização como também na sua conceptualização. Outra tendência bastante recente, muito associada à imersão da Linguística Funcional na visão cognitivista da linguagem, é a apropriação de pressupostos teóricos da Gramática de Construções aos nossos trabalhos de investigação. Esses aportes têm enriquecido a análise linguística, que passa cada vez mais a equilibrar fatores internos e fatores externos na investigação da arquitetura do sistema linguístico.

Segundo Rosário (2015, p. 147), “a sintaxe funcional considera que as verdadeiras motivações para a mudança linguística estão na busca de novos rótulos mais expressivos para substituir outros já desgastados pelo uso”, sempre sob o desejo de impactar o interlocutor e agir sobre ele. Essa caracterização ilustra, com bastante clareza, a visão dinâmica da sintaxe funcional, o que vai de encontro com visões normativistas, mais associadas a uma visão estática do sistema linguístico.

Atualmente a sintaxe funcional conta com um corpo teórico muito robusto, sempre permeável às investigações mais recentes, tanto em nível nacional quanto internacional. Neste espaço seria impossível arrolar todos os conceitos funcionalistas, considerando o

² Na gênese da Linguística Funcional, era totalmente rechaçado o uso de qualquer dado que não tivesse sido flagrado em contextos efetivos de uso, seja na língua falada, seja na língua escrita. Mais modernamente, há uma posição mais moderada com relação a esse ponto. Assim, os funcionalistas ainda defendem que o dado captado em *corpus* é primordial e central na análise linguística (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2021), contudo é possível que dados criados a partir da intuição do falante também sejam utilizados nos trabalhos de pesquisa, desde que com parcimônia.

enriquecimento teórico-metodológico dessa linha de investigação nas últimas décadas. Dessa forma, vamos listar aqui apenas algumas noções mais centrais para a compreensão do que apresentaremos em seguida.

Começamos pela frequência. Esse é um ponto de grande importância na descrição funcionalista dos fenômenos linguísticos. A alta frequência indica que um determinado uso já está bastante fixado na memória dos falantes e, em consequência disso, passa a estar mais disponível na interação comunicativa. Os usos mais inovadores, por outro lado, geralmente são marcados por baixa frequência de uso, o que vai se modificando à medida que a comunidade de falantes passa a adotar as novas formas de dizer em seu dia a dia.

A frequência cumpre um papel muito importante em um dos fenômenos mais citados na pesquisa funcionalista, que é o *chunking*. Segundo Bybee (2016), o *chunking* é um processo pelo qual uma sequência de unidades usadas juntas passa a formar uma unidade complexa. Assim, quanto mais repetimos uma determinada sequência de palavras, mais a conceptualizamos como uma unidade de sentido. Por exemplo, as expressões idiomáticas são normalmente formadas por esse processo. Quando dizemos que alguém está *quebrando um galho*, isso significa que alguém está improvisando algo. Não é possível (ou seria muito incomum) substituir o verbo *quebrar* por um sinônimo, como *fragmentar*, já que *fragmentar um galho* não é usual no sentido de *improvisar*. Isso ocorre porque memorizamos a expressão com esse tipo de preenchimento. Dito de outra forma, já não percebemos composicionalidade³ entre as partes da expressão, ou seja, é como se *quebrar um galho* fosse um bloco único⁴ (e de fato é).

Outro conceito importante é o de *categorização*. Muita gente acredita que as categorias da gramática são estanques e muito bem separadas e definidas. No campo da morfossintaxe, se abrirmos qualquer gramática normativa, vamos ver que sempre há, por exemplo, uma exposição orgânica e sistemática de dez classes de palavras, normalmente cada

³ A composicionalidade “faz referência ao grau de transparência entre forma e significado de uma construção” (ROSÁRIO, 2022b, p. 151). Quanto mais percebemos a preservação das partes de uma construção, mais ela é composicional. Ao contrário, se os elementos de uma construção formam um bloco (como costuma ocorrer nos idiomatismos), dizemos que a expressão é menos composicional. É uma questão de grau.

⁴ Os idiomatismos, na verdade, exibem diferentes níveis de fusão quando comparados entre si. A expressão *quebrar um galho* não admite substituição por sinônimos do verbo *quebrar*, mas seriam possíveis diferentes flexões do verbo: *quebrou um galho*, *quebrava um galho*, *quebra um galho* etc. Já a expressão *onde Judas perdeu as botas* não permite a flexão do verbo *perdeu*, comumente usado no pretérito perfeito. Esses diferentes comportamentos dos idiomatismos revelam diferentes graus de *chunking* ou de fusão. Como se verifica, em síntese, qualquer postura categórica não espelhará o real funcionamento da linguagem.

uma em capítulo. É como se uma categoria não tivesse qualquer ligação com outra. Assim, a título de ilustração, preposição é uma coisa e conjunção é outra.

Na sintaxe funcional, não enxergamos a gramática por esse ponto de vista. Ao contrário, defendemos que os limites entre categorias são difusos, com zonas de sobreposição (cf. ROSÁRIO; LOPES, 2022). De forma indireta, já sabemos disso. Por exemplo, o infinitivo é considerado uma forma *nominal* do verbo. Isso significa que o infinitivo é híbrido por natureza: é meio nome, meio verbo. Em alguns momentos será [+ nominal], em outros será [+ verbal]. Vejamos os enunciados a seguir:

- a) “**Fumar** faz mal à saúde”
- b) “Ela não para de **fumar**”.

No primeiro exemplo, *fumar* é uma oração subjetiva reduzida de infinitivo, ou seja, cumpre o papel funcional de sujeito da forma verbal *faz*, o que lhe confere um caráter de maior nominalidade. Já no segundo exemplo, *fumar* denota uma ação desempenhada pelo sujeito oracional *ela*, o que o aproxima da categoria dos verbos. Esses exemplos muito simples são suficientes para mostrar como as categorias são complexas e como os comportamentos são distintos, a depender dos usos. Em termos funcionais, dizemos que os elementos da gramática são marcados por *fluidez categorial*.

Outros dois conceitos muito próximos e associados são *neoanálise* e *analogia*. O primeiro diz respeito a uma nova interpretação que os usuários da língua dão ao que é dito ou falado. Por exemplo, observe as frases a seguir:

- c) “**Além da** cidade há um rio”
- d) “**Além do** filho, também compareceu a esposa”.
- e) “**Além do mais**, ele também não conseguiu o que queria”.

No primeiro exemplo, *além de* designa uma noção de ultrapassamento físico, associando-se a uma visão mais concreta, considerando que estamos falando de *cidade* e *rio* como marcos espaciais. Já no segundo exemplo, *além de* indica adição. Defendemos que esse segundo uso, com valor aditivo, é produto de neoanálise, pois os falantes – com o passar do tempo – começaram a usar *além de* em uma acepção mais abstrata. Assim, já não há a ideia de ultrapassamento físico, mas de “ultrapassamento quantitativo”, visto que estamos falando de

filho mais esposa. Por fim, no terceiro exemplo, *além do mais* é um *chunk*⁵, com forma fixa, também usado para adicionar e, ao mesmo tempo, encapsular o que foi dito anteriormente. A consequência desse fenômeno é a polissemia de *além de*, que vai ganhando novos usos nos diferentes contextos de interação verbal.

Já a analogia é uma espécie de comparação. Temos a tendência de criar ou de compreender novas expressões a partir de outras já memorizadas. Assim, seríamos capazes de conjugar um verbo inexistente como *catronlar*, mesmo sabendo que esse uso não é registrado em nossa língua. Isso é possível porque estabelecemos uma analogia (comparação) com outros verbos já memorizados de primeira conjugação. A analogia é um mecanismo cognitivo de economia, visto que podemos ter novas elaborações na língua a partir de modelos que já estão estabilizados em nossa memória.

Nesta seção, destacamos apenas quatro conceitos – *chunking*, categoria, neoanálise e analogia - entre muitos outros que poderiam ser evocados. Além disso, oferecemos uma descrição muito simplificada (mas não simplória) para cada um deles, em função dos objetivos traçados e do espaço disponível para esse tipo de discussão. Essa breve exposição é suficiente para compreendermos a aplicação do instrumental teórico da sintaxe funcional ao estudo de alguns conectores de finalidade do português e seu trabalho na escola, que é o recorte escolhido para discussão neste artigo. E por falar em conectores...

O QUE SÃO OS CONECTORES?

Normalmente associamos a noção de *conector* à ideia de *conjunção*. Nos estudos linguísticos, esses termos têm sido compreendidos de forma variada, mas, neste trabalho, o conceito de *conector* (ou de *articulador*) é tomado de modo amplo, designando todos os elementos gramaticais capazes de relacionar duas ou mais unidades linguísticas, que podem ser palavras, sintagmas, orações, períodos e até porções textuais maiores. Assim, preposições, conjunções, advérbios, operadores argumentativos, marcadores discursivos e outros elementos podem cumprir esse papel.

Vejamos este exemplo:

⁵ *Chunk* é o produto derivado do processo de *chunking*.

(01) É impossível falar em Gael sem falar em perdão. Toda a trajetória deste anti-herói de *O Outro Lado do Paraíso*, que despertou ódio muitas vezes, pode ser resumida com esta palavra. Gael feriu quem o amava, foi violento, desonesto e até mesmo abusivo. **Por outro lado**, também foi a prova de que o amor, mais do que tudo, é capaz de mudar as pessoas. O caminho para a redenção não foi fácil, mas ele conseguiu. Fonte: <https://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraiso/noticia/sergio-guize-avalia-a-trajetoria-de-gael-em-o-outro-lado-do-paraiso-uma-explosao-de-sentimentos-para-os-dois-lados.ghtml>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

Ao consultar as gramáticas normativas, todos nós percebemos que a noção de contraste está presente ou na oração coordenada sindética adversativa ou na oração subordinada adverbial concessiva. Assim, aparentemente, na sintaxe, a noção de contraste só se estabelece gramaticalmente por meio de orações introduzidas por *mas*, *porém*, *contudo*, *embora*, *ainda que* e de outras conjunções adversativas ou concessivas.

Ao analisar dados da língua em uso, percebemos que a realidade não é bem essa. Nos diversos textos orais e escritos que são produzidos e que circulam na sociedade, os falantes – de modo muito criativo – vão elaborando novas formas de veicular os diferentes sentidos gramaticais de uma língua. No dado (01), por exemplo, destacamos o uso de *por outro lado*. Muito provavelmente não encontraremos esse conector em nenhuma gramática normativa do português, visto que não se trata de uma conjunção canônica, consagrada pelos prescritivistas. Sua função precípua é ligar partes maiores do texto (para além da oração), e sabemos que essa é uma área que fica de fora das atividades de sintaxe na escola. A questão é que esse é um tópico central no campo das atividades de leitura e produção de textos argumentativos, uma tarefa essencial na Educação Básica.

Assim como *por outro lado*, há uma série de outros elementos gramaticais que estabelecem ligação entre sintagmas, orações, períodos e porções maiores do texto. Antes de apresentarmos outros conectores não canônicos, vale tecermos algumas reflexões sobre a constituição morfológica e a função semântico-pragmática de *por outro lado*.

Se observamos bem o trecho destacado em (01), temos uma breve descrição de uma personagem chamada Gael. Em um primeiro momento, são apresentadas algumas de suas características, comumente julgadas negativas: “foi violento, desonesto e até mesmo abusivo”. Digamos que esse é um “lado” de Gael. Logo em seguida, utiliza-se o conector *por outro lado* para introduzir uma nova informação: ele conseguiu mudar pela força do amor, e

esse é outro “lado” da personagem, agora retratada por meio de uma característica positiva. O que estamos querendo demonstrar é que *por outro lado* é um conector icônico, ou seja, transparente em termos de significado. O valor contrastivo desse articulador emerge do próprio discurso, visto que há dois “lados” em cena: de um lado, aspectos negativos e, *por outro lado*, aspectos positivos.

Os estudos em sintaxe funcional buscam rastrear essas pistas contextuais, bem como as condições de uso dos elementos gramaticais na língua em uso. É nesse sentido que defendemos uma das máximas funcionalistas: a gramática emerge do uso. De fato, ao buscar elementos já existentes na língua - a preposição *por*, o pronome *outro* e o substantivo *lado* -, o falante os rearranja de modo a que cumpram um novo papel, qual seja, o de conectar porções textuais por meio da noção de contraste, de um modo mais expressivo que os mecanismos canônicos já disponíveis. À medida que esse uso se intensifica, por meio de alta frequência e rotinização, defendemos que a nova forma vai se fixando na memória dos falantes (e naturalmente na língua), até que o uso antes visto como idiossincrático passa a ser percebido como algo natural, corrente e canônico.

Feitas essas observações iniciais, podemos agora apresentar outros conectores ainda muito pouco descritos, especialmente por conta do seu estatuto ainda instável na língua. Vamos falar sobre isso na próxima seção deste artigo.

REDE [X DE]_{CONNECT}

Você já percebeu que muitas conjunções da língua portuguesa acabam com a partícula *que*? Observe: *ainda que*, *visto que*, *dado que*, *uma vez que*, *posto que* etc. Isso seria apenas uma coincidência? Qual é o motivo para tantas conjunções apresentarem essa configuração? Camara Jr. (1979, p. 184-185) apresenta-nos uma informação que nos ajuda a compreender esse ponto:

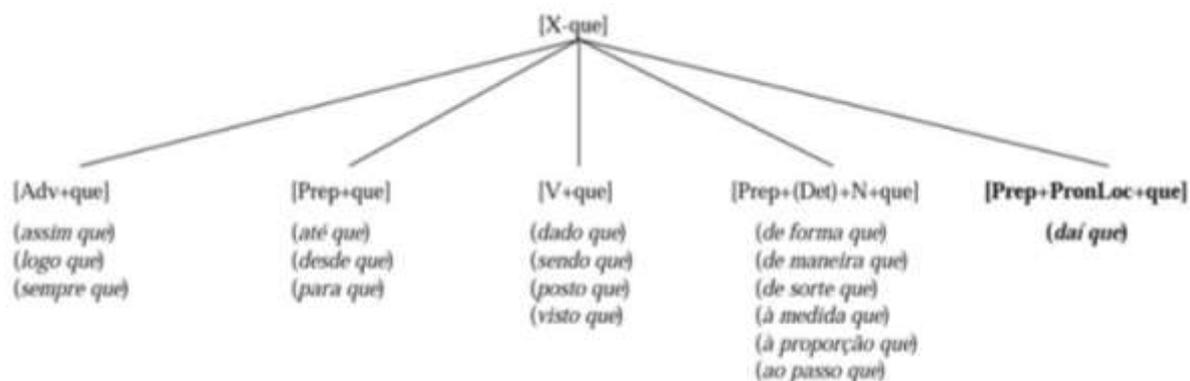
O advento da conjunção subordinativa *que* resultou primordialmente de um esvaziamento da significação pronominal da forma neutra *quid* do pronome indefinido-interrogativo e sua coalescência com a outra forma neutra *quod*, reservada ao pronome relativo. Secundariamente, houve a convergência da evolução fonética da partícula de conexão comparativa *quam* e da conjunção causal *quod*. De tudo isso, resultou uma partícula multifuncional *que* para os mais variados padrões frasais. [...] Como índice básico da subordinação oracional, entra em aglutinações ou figura como parte final de perífrases, ou locuções, conjuncionais subordinativas. As locuções são de dois tipos: em primeiro lugar, há a combinação de um advérbio com a partícula *que*: *ainda que* (“concessão”); *logo que*, *sempre que* (“simultaneidade no

tempo”); *depois que*, *antes que* (“seguimento ou precedência no tempo”, respectivamente); *já que* (“causa”); e assim por diante. Em segundo lugar, há o padrão de uma locução adverbial, com um nome regido de preposição (*de* ou *a*), transformada pela adjunção de *que*: *de sorte que*, *de modo que*, *a fim de que*, *ao passo que*, *à medida que*; etc.

Como nos explica Camara Jr. (1979), a partícula *que*, na língua portuguesa, resulta da convergência de diferentes formas latinas. Isso fez com que essa partícula se tornasse multifuncional no português atual. Assim, o *que* continuou sendo usado de forma livre e singular, mas também de forma aglutinada (*porque*) ou composta (*já que*).

Outra questão salta aos olhos: qualquer elemento linguístico pode se unir ao *que* para formar novos conectores? Ou há alguma restrição quanto a esse ponto? Para responder a essas questões, vejamos o esquema a seguir, organizado por Arena (2015, p. 67):

Esquema 1 – Esquema [X que]_{connect} em língua portuguesa



Fonte: Arena (2015, p. 67)

O esquema 1 comprova que há uma regularidade na formação desses conectores. Os padrões atestados são formados a partir de advérbios, preposições, verbos ou de formações mais complexas, como *preposição + determinante + nome + que* ou *preposição + pronome locativo + que*. Não há registro da formação de articuladores em português, por exemplo, a partir de *adjetivo + que* ou de *substantivo concreto + que*. Os estudos realizados no campo da sintaxe funcional comprovam que a língua tem uma dinâmica regular de mudança, mas esses mesmos processos de renovação estão sujeitos a restrições.

A profusão de articuladores formados por diferentes elementos (simbolizados por X) seguidos de *que* nos levou à investigação de uma outra possível rede de conectores, agora não mais instanciada por *que*, mas pela partícula *de*. A pergunta é: da mesma forma como há uma rede esquemática e abstrata [X *que*]_{connect}, haveria também uma rede [X *de*]_{connect} responsável pela ligação de orações? A resposta é SIM.

Antes de aprofundarmos essa questão, vale a pena falarmos um pouco sobre a preposição *de*. Segundo Poggio (2003, p. 184-188):

[...] a preposição *de*, em português, passou a assumir as três noções do latim representadas pelas preposições *ab*, *ex* e *de* e mais a ideia de posse encontrada no seu sentido de base, que se exprime pela relação de subordinação de um substantivo a outro. [...] na passagem do latim para o português, a preposição *de* foi a que alcançou maior ampliação no seu campo semântico, sendo acrescida de muitas novas acepções; entre as preposições, *de* é a que se encontra em maior grau de abstração.

Como se observa, a história da partícula *que* tem consideráveis pontos de semelhança com a história da preposição *de*. Ambas derivam da convergência de diferentes elementos linguísticos e se apresentam, no português, como elementos abstratos, versáteis e multifuncionais. Esse é um dos motivos para ambas (*que* e *de*) serem justamente as partículas mais recrutadas para a formação de novos articuladores na língua. Feitas essas considerações iniciais, podemos aprofundar melhor a questão dos conectores formados pela partícula *de*.

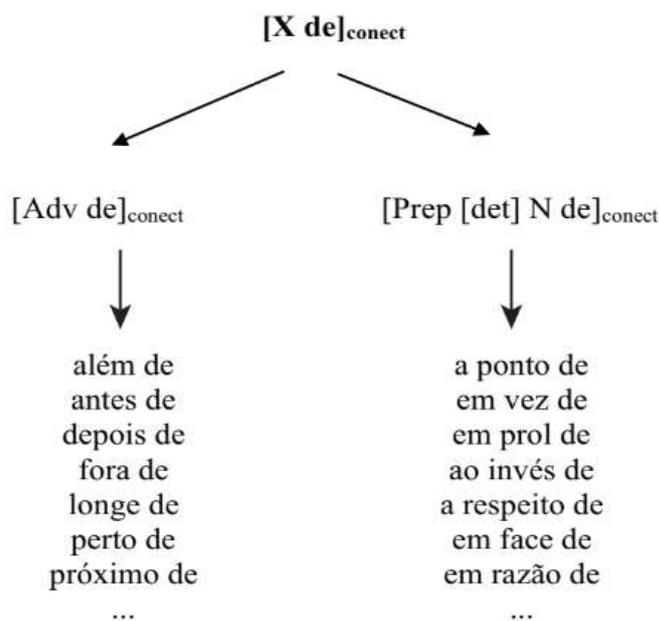
Existe uma série de elementos gramaticais, em língua portuguesa, formados pela partícula *de*, o que já tem sido atestado na literatura. Contudo, em geral, os estudiosos categorizam esses elementos como locuções prepositivas ou preposições complexas, conforme se verifica em Rocha Lima (1999), Cunha e Cintra (2001) e em outros gramáticas. Aliás, até autores mais modernos costumam restringir o papel desses elementos à função preposicional, como observado em Almeida, Souza e Kewitz (2018).

Em trabalho recente, Rosário (2022a) demonstra que muitos conectores instanciados por *de* não se comportam como locuções prepositivas canônicas, uma vez que cumprem papel análogo ao das conjunções. Em outras palavras, há um conjunto de conectores que não se restringe à ligação de palavras ou de sintagmas, mas desempenha um papel mais “expandido”, considerando que esses elementos ligam também orações não finitas (tradicionalmente conhecidas como orações reduzidas).

É verdade que muitas gramáticas já apontam exemplos de períodos em que há ligação de orações por meio de preposições complexas. A questão é que esse tipo de ligação não é apresentado em detalhes, nem há uma abordagem minimamente consistente para explicar esse uso. Com isso, o papel de ligação interoracional desempenhado por elementos da rede [X de]_{connect} não é contemplado.

Ao realizar um recorte no papel funcional desses conectores, Rosário (2022a, p. 371) apresenta uma rede esquemática formada por dois padrões que, por sua vez, congregam diversos articuladores instanciados pela partícula *de*. De um lado há uma série de conectores formados por *advérbio* + *de* e, de outro lado, há aqueles formados por *preposição* + *determinante* + *nome abstrato* + *de*. Neste trabalho, vamos nos concentrar nesse segundo padrão. Vejamos:

Esquema 2 – Rede dos conectores [X de] em língua portuguesa



Fonte: Rosário (2022a, p. 371)

Como já foi indicado neste texto, grande parte desses elementos está presente nas descrições realizadas pelas gramáticas do português, na seção destinada à discussão das preposições. Contudo, ainda não observamos um tratamento desses articuladores em sua função específica de ligar orações.

Os conectores da rede [X de]_{connect} estão presentes nos textos que lemos, nas interações discursivas orais, enfim, nas diversas manifestações linguísticas do dia a dia. Como fazem parte dos usos regulares do português, certamente merecem ser descritos e investigados, transformando-se em objeto de trabalho didático na Educação Básica.

Feitas essas observações preliminares a respeito da rede [X de]_{connect}, finalmente podemos apresentar alguns conectores⁶ que a ilustrem. Vejamos um primeiro dado:

(02) As empresas Agrale S.A. e Marcopolo S.A. (divisão Volare), **no intuito de** resguardar a segurança e a tranquilidade de seus clientes, CONVOCAM os proprietários dos veículos abaixo identificados, a atender à campanha de chamamento. Fonte: <https://www.cidademarketing.com.br/marketing/2019/07/01/agrale-e-marcopolo-realizam-recall-de-caminhoes-onibus-e-micro-onibus-por-falha-na-mangueira-do-freio-dianteiro/>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

A consulta a várias gramáticas normativas nos apresenta as conjunções finais *para*, *para que*, *a fim de que* como as mais citadas. Dizemos que essas conjunções são as mais canônicas, justamente pela sua maior frequência. Contudo, o estudo da língua em uso nos mostra que há muitos outros articuladores que cumprem o papel de ligar orações de finalidade, como o que se observa em (02). De fato, o conector *no intuito de* expressa a ideia de finalidade, à semelhança dos articuladores mais comumente arrolados nas obras de referência do português.

De acordo com o Dicionário Michaelis, a palavra *intuito* é um substantivo masculino que significa “aquilo que se tem em vista; escopo, fim, propósito”⁷. Como se verifica, trata-se de uma palavra transparente, no sentido de que veicula, por si só, a noção própria de finalidade. Em outras palavras, o falante recruta esse vocábulo para a criação de um novo conector “aproveitando-se” do fato de que esse mesmo vocábulo já tem a ideia de finalidade em si. Aliás, vale destacar que a palavra *intuito* ainda tem seu sentido pleno na língua, sendo usada como substantivo autônomo no português, e isso atesta ainda mais a sua versatilidade e multifuncionalidade.

Algo análogo acontece com o conector *com o objetivo de*. Vejamos:

⁶ Agradeço a Brenda da Silva Souza, doutoranda sob minha orientação acadêmica na Universidade Federal Fluminense, a cessão dos dados da rede [X de]_{connect}, aqui utilizados neste artigo.

⁷ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/intuito/>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

(03) Somente nos prédios que compõem a quadra em que está localizada a Praça da Matriz, há história suficiente para chamar a região central de Porto Alegre de Centro Histórico. Entretanto, muitas das pessoas nascidas na Capital e que circulam diariamente pelo bairro não sabe ou têm pouco conhecimento desse patrimônio que as cerca. **Com o objetivo de** aproximar os cidadãos dessa parte tão importante da cidade, no sábado passado foi realizada mais uma edição do projeto Caminhos da Matriz. Fonte: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/projeto-caminhos-da-matriz-conta-hist%C3%B3ria-do-patrim%C3%B4nio-da-regi%C3%A3o-central-de-porto-alegre-1.348503>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

No dado (03), o conector *com o objetivo de* também veicula a ideia de finalidade. De modo semelhante ao que acontece com o articulador *no intuito de*, a palavra *objetivo* também é um substantivo usado de modo autônomo na língua portuguesa e, por si só, transmite a noção de finalidade. Percebemos que tanto *intuito* como *objetivo* são palavras abstratas, o que é uma condição/restrrição importante na formação de conectores, no trânsito do léxico para a gramática. Afinal, dificilmente uma palavra concreta seria selecionada para a formação de conectores na língua, visto que a gramática é um *locus* de maior abstração.

Ambos os conectores presentes nos dados (02) e (03) apresentam uma semelhança estrutural: são formados por preposição (*com/em*) + determinante (*o*) + nome abstrato (*intuito/objetivo*) + preposição (*de*). Dificilmente isso seria “obra do acaso”. Aliás, há muitos outros articuladores que seguem esse formato estrutural: *com o fito de*, *com a finalidade de*, *com o propósito de* etc. Essa semelhança estrutural e funcional atesta a plausibilidade da existência da rede [X de]_{connect}, com foco no segundo subesquema [Prep [det] N de]_{connect}. A defesa que fazemos é que esse esquema virtual está presente na mente de todos nós, falantes de língua portuguesa.

O conector *com o objetivo de* é formado de quatro elementos que são usados na língua portuguesa em diversas situações, com diferentes funções. Contudo, quando são justapostos (*com + o + objetivo + de*) são neoanalisados (analisados de modo novo) como um *chunk* e passam a ser considerados como um novo articulador, com natureza distinta da mera soma de suas partes. Por meio da frequência de uso crescente, esse novo arranjo leva à emergência de um elemento gramatical que passa a integrar a categoria dos conectores responsáveis por articular orações não finitas em português. À luz da sintaxe funcional, essa expansão

categorial ocorre em razão da necessidade de maior expressividade e da renovação constante do nosso repertório linguístico.

A partir dessa “moldura virtual” armazenada em nossa memória - [Prep [det] N de]_{connect} –, vamos criando novos conectores com uma formatação mais ou menos semelhante. É aí que entra a analogia, já discutida na seção anterior deste texto. Por analogia, ou seja, por comparação com um modelo já pronto, criamos novas formas gramaticais, sempre de modo criativo e expressivo.

Vale destacar que os conectores da rede [X de]_{connect} apresentam uma particularidade digna de nota. Eles não são capazes de ligar orações desenvolvidas, mas apenas reduzidas de infinitivo. Por que isso acontece? A explicação está em sua própria constituição sintagmática. Como são formados por uma preposição (no caso, a preposição *de*), todos eles se situam em uma zona de certo hibridismo entre as preposições e as conjunções subordinativas. A função principal das preposições é ligar palavras, ao passo que às conjunções subordinativas cabe ligar orações. Os conectores da rede [X de]_{connect}, por outro lado, quando acionados no campo das relações interoracionais, só atuam na ligação de orações reduzidas, que é justamente um ponto intermediário entre as palavras e as orações desenvolvidas. Tudo isso torna o conjunto de articuladores da rede [X de]_{connect} muito especial, com uma função própria na gramática da língua portuguesa.

Essa é uma das razões para defendemos um rótulo próprio para esses elementos (*conectores* ou *articuladores*), já que as conjunções subordinativas têm função mais geral de ligar orações desenvolvidas na língua, ao contrário dos elementos discutidos neste texto, restritos à ligação de orações não finitas (ou reduzidas). Vale destacar que essas diferenças de comportamento reforçam a visão funcionalista da noção de categorização. Em nossa perspectiva, as fronteiras entre categorias são difusas e marcadas por sobreposições. Logo, é natural que os conectores da rede [X de]_{connect} não estejam nem totalmente inseridos na categoria das preposições (como têm proposto as abordagens tradicionais) nem na categoria das conjunções. Vejamos:

papel funcional de ligar orações não finitas com noção de finalidade, além de serem indubitavelmente muito semelhantes em termos estruturais.

Esse tipo de variação acontece certamente em função de esses conectores ainda estarem se estabilizando na língua. Como são mais “pesados” (formados por muitas sílabas) e como ainda não têm *status* de conjunção, considerando que seu escopo é mais reduzido (só ligam orações não finitas), criam-se condições mais propícias para sua variabilidade. Curiosamente há dados em que essa instabilidade estrutural é ainda mais marcante, como a que se observa no dado (05) a seguir:

(05) Miguel Duarte agiu por razões humanitárias, imbuído de um espírito de solidariedade, **sem qualquer intuito de** violar a lei “, destacou. # O presidente de a Assembleia de a República transmitiu a o homólogo italiano a consternação de os deputados portugueses, “ independentemente de a sua orientação política, perante o tratamento de quem, como Miguel Duarte, apenas pretende prestar auxílio a pessoas em situação de perigo”. Fonte: https://www.rtp.pt/noticias/pais/ferro-escreveu-a-homologo-italiano-sobre-portugues-investigado-por-ajudar-refugiados_n1156145. Acesso em 10 de agosto de 2022.

Como se observa, nesse dado, temos o uso de *sem qualquer intuito de*. É um dado muito curioso, pois não temos um conector estabilizado, ou seja, *sem qualquer intuito de* indica uma estratégia mais discursiva do que gramatical. Esse dado revela uma espécie de etapa anterior ao surgimento do articulador em si, ilustrando um postulado clássico funcionalista de que a sintaxe provém do discurso. Fazemos essa defesa justamente por conta do uso da preposição *sem* e do pronome *qualquer*, que instanciam essa expressão, o que é imprevisível na rede [X de]_{connect}. Esse dado comprova também a versatilidade da língua em uso, a maleabilidade da gramática e a relativa instabilidade da sintaxe, já que os usos linguísticos estão sempre abertos à criatividade dos falantes.

Julgamos que essas reflexões aqui trazidas são muito apropriadas tanto no trabalho de pesquisa linguística quanto nas atividades em sala de aula, seja na Educação Básica seja no Ensino Superior. A visão de gramática defendida pela sintaxe funcional sempre está atenta à criatividade dos falantes, às pressões comunicativas e à flexibilidade das estruturas linguísticas, como foi demonstrado na análise de dados.

Precisamos frisar que essa perspectiva aqui apresentada encontra eco nos documentos oficiais que balizam o ensino de língua portuguesa no país. Por exemplo, a BNCC afirma textualmente que “os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua [...]” (BRASIL, 2018, p. 139, grifo nosso).

De modo ainda mais explícito, esse documento oficial (BRASIL, 2018, p. 67) indica o seguinte:

O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas em grande parte ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20)

Como está bem claro na BNCC, o ensino de língua portuguesa deve estar antenado com as pesquisas mais recentes na área, em uma visão enunciativo-discursiva da linguagem. Em outras palavras, as práticas de ensino-aprendizagem devem primar pela língua em uso, pela ótica do seu papel efetivo no dia a dia dos indivíduos. Qualquer modelo de ensino que se afaste desse ideal, insistindo em uma visão “engessada” da gramática, é anacrônico e desvinculado das pesquisas modernas e das orientações oficiais brasileiras.

Parece claro que um trabalho didático voltado para os conectores do uso é muito mais proveitoso e útil aos estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Por meio da leitura e escuta atentas de textos diversos, será possível que estudantes e professores “descubram” novos elementos gramaticais ou novas funções para elementos já consagrados nas gramáticas. De certa forma, inverte-se a lógica de ler e consultar o livro didático para aprender sintaxe. Ao contrário, é a partir de textos orais e escritos, por meio de gêneros textuais variados, que o estudante será capaz de identificar os diversos usos linguísticos, confrontando-os com o que está estabelecido nas obras didáticas.

É importante destacar que um trabalho baseado nos pressupostos da sintaxe funcional é algo totalmente abrigado pelas diretrizes oficiais do ensino de língua portuguesa no país.

Por exemplo, vejamos duas habilidades da BNCC, com foco na proposta de ensino de língua portuguesa para o Ensino Fundamental (BRASIL, 2018, p. 189-191):

(EF08LP13) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial: conjunções e articuladores textuais.

(EF09LP11) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial (conjunções e articuladores textuais)

Como se verifica, essas habilidades propõem que o trabalho didático com a língua portuguesa não se restrinja ao âmbito das conjunções, mas que também atente para o papel textual-discursivo dos “articuladores textuais”, que podem ser concebidos como outros elementos capazes de estabelecer ligação entre períodos e porções textuais ainda mais amplas. Essa visão preconizada pela BNCC tem total aderência com a perspectiva teórica funcionalista da sintaxe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, procuramos oferecer ao leitor uma breve introdução ao estudo da sintaxe funcional. É evidente que esse campo de investigação é muito mais amplo, com muitas frentes de trabalho, baseadas em diferentes objetos de pesquisa. Entretanto, as reflexões aqui trazidas certamente são suficientes para que se compreendam as bases dessa linha de investigação, que podem ser sintetizadas em três pontos principais:

- a) A estrutura das línguas é moldada pelo uso efetivo, realizado pelos falantes em suas mais diversas situações de interação social;
- b) Há fatores sociais, estruturais, cognitivos e semântico-pragmáticos que impactam as línguas humanas, modificando sua estrutura;
- c) A língua varia e muda em virtude de pressões discursivas diversas.

Nas últimas décadas, o debate entre sintaxe funcional e ensino tem se intensificado bastante. A partir desse debate, tem surgido uma bibliografia muito consistente na área, o que pode ser muito útil ao trabalho dos professores de língua portuguesa Brasil afora. Diante de resultados tão pífios em termos de ensino-aprendizagem de língua materna, essa contribuição

da sintaxe funcional não será capaz de resolver todos os problemas, mas sem dúvida poderá oferecer uma importante contribuição para a renovação teórico-metodológica da área.

Neste capítulo, focamos nossa atenção em alguns conectores de finalidade da rede [X de]_{connect}. Essa pequena incursão no tema deve ter sido suficiente para percebermos quantas possibilidades de trabalhos didáticos podem ser desenvolvidas. Nas diversas atividades de leitura, escrita e produção textual, é fundamental que os estudantes tenham condições de ampliar seu repertório, abrindo-se, com isso, um leque maior de opções para os usos linguísticos. A proposta é, em primeiro lugar, demonstrar que a gramática está em um constante processo de renovação. Somos nós, falantes, que construímos continuamente a gramática das línguas.

Assim, as aulas de sintaxe, no campo da análise linguística, ganham novo fôlego, deslocando a atenção das estruturas mais canônicas para um lado encantador da linguagem, que revela novos usos e funções na interação cotidiana. O olhar focado na emergência dos usos linguísticos pode ser fonte de grande motivação para os estudantes.

Enfim, esse é um campo ainda muito aberto e certamente ainda requer maior atenção por parte de pesquisadores, educadores e pesquisadores-educadores. O objetivo é que essas reflexões aqui apresentadas possam motivar os profissionais da Educação em busca de novas ideias. Que tal você, professor, experimentar esse (novo) caminho?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão; SOUZA, Janderson Lemos; KEWITZ, Verena. Preposições complexas: moldes e modos. In: TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria (Orgs.). *Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 157-180, 2018.
- ARENA, Ana Beatriz. *Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- BYBEE, J. *Língua, Uso e Cognição*. São Paulo: Cortez, 2016
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Padrão Livraria Editora Ltda, Rio de Janeiro, 1979

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FROMKIN, Victoria; RODMAN, Robert. *Introdução à Linguagem*. Coimbra: Almedina, 1993.

GERVÁSIO, Tharles Lopes. Análise cognitiva da construção “#só que não”. *Pensares em revista*, n. 19, p. 77-96, 2020. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/52677/34907>.

GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: _____. *Syntax and semantics*. vol. 12. New York: Academic Press, 1979.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2003.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Construções aditivas na perspectiva da LFCU: entre coordenação, hipotaxe e correlação. In: DIAS, Nilza Barrozo; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). *Estudos sobre o Português em Uso*. 1ed. Uberlândia - MG: Pangeia, v. 1, p. 107-120, 2020.

_____. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Niterói - RJ: Eduff, 2018.

_____. Esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. *Matraga*, v. 29, n. 56, p. 362-378, mai.ago. 2022a. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/62105>

_____. (Org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. 1. ed. Niterói - RJ: EdUFF, 2022b.

_____. *Sintaxe Funcional*. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo (Orgs.). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, p. 143-162, 2015.

_____. Texto e gramática na Educação Básica: como fica o ensino de sintaxe? In: WIEDEMER, Marcos Luiz; OLIVEIRA, Mariangela Rios. (Orgs.). *Texto e gramática: novos contextos, novas práticas*. 1ed. Campinas - SP: Pontes, v. 1, p. 77-114, 2021

_____; CARDOSO, Thaís Alessandra Souza. Construções justapostas de base verbal - uma análise funcional centrada no uso. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Taísa Peres (Orgs.). *Descrição funcional do português: teoria e ensino*. 1ed. Campo Grande - MS: UFMS, v. 1, p. 140-160, 2022.

_____; LOPES, Monclar Guimarães. *Gramática emergente e ensino: algumas contribuições da Linguística Funcional Centrada no Uso*. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios; WILSON, Victória. (Orgs.). *Discurso e Gramática: entrelaces e perspectivas*. 1ed. Curitiba - PR: CRV, v. 1, p. 111-135, 2022.

_____; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Linguística Funcional no século XXI: *quo vadis?* In: BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito; SOUZA, Maria Medianeira (Orgs.). *Pesquisas*

funcionalistas da versão clássica à perspectiva centrada no uso: uma homenagem a Maria Angélica Furtado da Cunha. Natal – RN: EdUFRN, 2021.

_____; OLIVEIRA, Taísa Peres (orgs.). *Descrição funcional do português: teoria e ensino*. 1. ed. Campo Grande - MS: UFMS, 2022.

_____; SOUZA, Brenda da Silva. Análise dos conectores ‘com o objetivo de’ e ‘com o intuito de’ à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p. 1032-1055, 2022.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Contexto, 2006.